



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

NICE CARDOSO DOS SANTOS

**MEMÓRIA E ETNICIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA  
DO RAMAL DO PIRATUBA NO MUNICÍPIO DE  
ABAETETUBA/PA**

ABAETETUBA - PA  
2014

NICE CARDOSO DOS SANTOS

**MEMÓRIA E ETNICIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA  
DO RAMAL DO PIRATUBA NO MUNICÍPIO DE  
ABAETETUBA/PA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
Apresentado ao Colegiado do Curso de  
Licenciatura Plena em Ciências Sociais,  
como requisito para obtenção de grau de  
Curso de Licenciatura em Ciências  
Sociais.

Orientador: Prof. Flavio Leonel Abreu da  
Silveira

ABAETETUBA - PA  
2014

NICE CARDOSO DOS SANTOS

**MEMÓRIA E ETNICIDADE DA COMUNIDADE QUILOMBOLA  
DO RAMAL DO PIRATUBA NO MUNICÍPIO DE  
ABAETETUBA/PA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado com exigência parcial para abstenção do grau Licenciado Pleno em ciências Sociais do instituto de Filosofia e ciências Humanas da universidade Federal do Pará Campus Universitário do Baixo Tocantins.

Data da aprovação \_\_\_\_ de Março de 2014  
Conceito: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

Orientador: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Flávio Leonel da Silveira.

Examinador (a) \_\_\_\_\_  
Prof.

Examinador (a) \_\_\_\_\_  
Prof.

*Dedico este trabalho primeiramente a Deus que ajudou em todos os momentos.  
A minha querida mãe (em memória)  
Ao meu pai que deu seu o seu apoio.  
Aos meus filhos que sempre estiveram ao meu lado me dando forças.  
Aos meus irmãos que me apoiaram durante a trajetória do curso.  
A minha tia Maria Raimunda dos Santos (Amélia) que me acolheu em sua casa nos primeiros momentos do curso.  
A minha amiga Leila que muitas vezes fizemos trabalhos juntas.  
Ao meu amigo Antônio que contribuiu se preocupando em conseguir acervo para a conclusão deste trabalho.  
E a todos que direto ou indiretamente contribuíram para realização deste grande sonho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças por ter chegado até aqui, pela minha vida e a luz do conhecimento e por ter me escutado e socorrido nos momentos mais difíceis de minha caminhada.

Em memória de Maria Cardoso dos Santos minha querida mãe que tantas vezes me incentivou.

Ao meu pai: Concílio dos Santos que me incentivou durante o meu percurso nesta formação.

Aos meus irmãos: Antônia, Araceli , Joana, Reginaldo e Telma pelo apoio a mim dispensado.

Aos meus amados filhos: Raquel, Rodrigo, Rogério, Rayro e Kaio que sempre estiveram ao meu lado me apoiando, me incentivando e ajudando.

Aos meus familiares e amigos que sempre me apoiaram durante minha trajetória no curso de ciências da UFPA.

Aos professores que dedicaram suas vidas ao ensino

Ao professor Flávio Leonel Abreu da Silveira por ter aceitado ser orientador desse trabalho, o meus mais sinceros agradecimentos pela dedicação e paciência com que sempre me atendeu.

E a todos que direto ou indiretamente contribuíram de alguma forma para realização desse grande sonho.

*...Toda identidade humana é construída e histórica  
(APPIAH, 19)*

## RESUMO

A presente pesquisa procura compreender o processo histórico e se justifica pela importância de conhecer as origens e a formação da comunidade Quilombola do Ramal do Piratuba em Abaetetuba, e procura apontar algumas evidências que revelam a percepção dos moradores no que se refere a memória e a etnicidade da comunidade. Ao analisar vivências do grupo social verifica-se que a memória que dá sentido à sua história. Embora muito se tenha escrito sobre a história dos negros no Brasil, as transformações ocorridas na sociedade brasileira principalmente após a promulgação da constituição de 1988. A chegada de homens e mulheres negras ao país se deu como resultado do processo perverso de escravidão. Este estudo faz uma identificação da memória, cultura dessa comunidade remanescente quilombola, que fica no Município de Abaetetuba, zona rural.

**Palavras chave:** Memória; Etnicidade; comunidade Quilombola

## **ABSTRACT**

This research seeks to understand the historical process and is justified by the importance of knowing the origins and formation of the Quilombo community Extension of Piratuba in Abaetetuba, and tries to point out some evidence to reveal the perceptions of residents regarding memory and ethnicity of the community. By analyzing experiences of the social group it appears that the memory that gives meaning to your story. Although much has been written about the history of blacks in Brazil, the changes occurring in Brazilian society especially after the promulgation of the 1988 Constitution.'s Arrival black men and women took to the country as a result of the perverse process of enslavement. This study is an identification of memory, culture maroon remainder of this community, which is in the municipality of Abaetetuba countryside.

**Keywords:** Memory; ethnicity; Quilombo community

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I - CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE AS SUAS ORIGENS.....</b>	<b>11</b>
1.1 QUILOMBOS: FORMAS DE RESISTÊNCIA À ESCRAVIDÃO.....	11
1.2 FORMA DE TRABALHO.....	12
1.3 A IDENTIDADE E A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO.....	14
1.4 O CHÃO É O LIMITE.....	15
<b>CAPITULO II - AS MEMÓRIAS DA ETNICIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PIRATUBA- ABAETETUBA- PARÁ.....</b>	<b>17</b>
2.1 LEMBRANDO O PASSADO PRA VIVER O PRESENTE.....	17
2.2 AS ORIGENS DA COMUNIDADE DO PIRATUBA.....	18
2.3 O COTIDIANO NA COMUNIDADE DO PIRATUBA.....	20
2.4 AGRICULTURA.....	22
<b>III CAPITULO - ORGANIZAÇÃO FAMILIAR E PARENTESCO DA COMUNIDADE DO PIRATUBA.....</b>	<b>24</b>
3.1 FAMÍLIA.....	24
3.2 PARENTESCO.....	26
3.3 - FORMAÇÃO DA FAMÍLIA DO PIRATUBA.....	26
3.4 SABERES TRADICIONAIS POPULARES.....	28
3.5 RELIGIOSIDADE E CULTURA.....	29
<b>3.5.1 O boi - bumbá .....</b>	<b>30</b>
<b>3.5.2 Carnaval na comunidade.....</b>	<b>32</b>
3.6 ANÁLISES DOS RELATOS DE MORADORES NA COMUNIDADE.....	33
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão se justifica pela importância e se conhecer as origens e a formação da comunidade Quilombola do Ramal do Piratuba, localizada no município de Abaetetuba (PA). A relevância do trabalho está ligada ao fato de que os estudos sobre as memórias desta comunidade ainda não havia sido realizados, portanto é fundamental conhecer as origens e o reconhecimento quilombola do Piratuba, a fim de contribuir para um maior conhecimento sobre as comunidades quilombolas no Estado do Pará e, em especial, Abaetetuba.

A intenção desse trabalho é o de buscar compreender o processo de ocupação do território e a formação da comunidade, de maneira a produzir uma monografia que trate de aspectos do cotidiano das pessoas que moram nesta comunidade. Fui estimulada pelo desejo de compreender as origens e o seu desenvolvimento no decorrer do tempo. Este trabalho tem como objetivo investigar como os comunitários reconstroem suas histórias e vinculam suas condições étnicas enquanto quilombolas ao território, tentando contribuir para a compreensão deste fenômeno para o contexto de Abaetetuba, principalmente a comunidade de Piratuba em Abaetetuba.

Diante desse propósito procurei saber o que a memória e a etnicidade da comunidade quilombola do Piratuba no município de Abaetetuba e seus aspectos sócios-históricos, pois, identidade étnica de um grupo é base para sua forma de ocupação territorial. Dessa forma também abordarei como a comunidade foi objeto inicial de uma pesquisa de saúde que deu origem ao um centro de pesquisa que é o Renato Chaves. Todos esses aspectos histórico, étnico e social dessa comunidade é a base desse estudo, sendo uma comunidades remanescente dentro de um Município que pouco tem memória e valoriza os aspectos histórico de suas comunidades, dessa forma, esta pesquisa é, também, uma busca de identidade e história desse povo, resgatando a cultura, modo de organização, trabalho e as especificidade que a comunidade ainda resguarda.

Então, buscou-se pela pesquisa de campo, na própria comunidade, com os agentes históricos e que possua a identidade do começo e implantação desse povoados na zona rural do município de Abaetetuba. Pouco se sabe dessas comunidades e seus modos de organização. Outro ponto importantes é pesquisar e analisar as formas legais que aprecia essas comunidades, pois, há Leis e decretos

que ampara esses povos, dando-lhes possibilidades da posse de terras e projetos de plantação e trabalho.

## CAPÍTULO I - CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE AS SUAS ORIGENS

### 1.1 QUILOMBOS: FORMAS DE RESISTÊNCIA À ESCRAVIDÃO

As lutas travadas pelos quilombos, contra as formas de escravidão e exploração dos negros, trouxe várias formas de violência e resistência: escravos se refugiando nas matas e até mesmo, tentando matar seus senhores.

Os escravizados procuravam reagir contra a escravização de diversas maneiras. Algumas mulheres chegavam a provocar abortos para evitar filhos que nasceriam sob a condição de escravizados; era muito comum também a prática do suicídio por enforcamento, ou por envenenamento. As fugas individuais ou coletivas eram constantes. Alguns fugitivos procuravam a proteção de alforriados que viviam nas cidades. Também ocorriam rebeliões durante as quais agiam com violência contra senhores e feitores; reduziam ou paralisavam as atividades; sabotavam a produção quebrando ferramentas ou incendiando plantações (SILVA 2008, P. 42 43).

Para dificultar a recaptura e garantir a subsistência, formavam comunidades com organização social própria, chamada quilombos, e mantendo uma rede de alianças com diversos grupos da sociedade. O maior símbolo da resistência ao sistema escravista foi o quilombo de Palmares. Instalado na Serra da Barriga, onde hoje se localiza o Estado de Alagoas, o Quilombo dos Palmares resistiu por mais de sessenta anos e chegou a contar com uma população de 20 000 habitantes. Era um quilombo formado por várias comunidades organizadas sob a forma de reino.

Durante a invasão holandesa ao nordeste brasileiro, ao nordeste, muitos escravizados aproveitavam os conflitos entre os senhores de engenho e os holandeses para fugir em direção às comunidades negras de resistência, o que fez os quilombos crescerem em números e forças. Para sobreviver, inicialmente os quilombolas assaltavam fazendas e povoados das proximidades das fazendas e da própria comunidade, onde os mesmos eram escravos. Ao se organizarem e cultivarem as terras eles passaram a negociar partes de suas colheitas com moradores de vilas e cidades próximas trocando-as por outros itens de que precisavam. Nesse período em que brasileiros e portugueses estavam ocupados combatendo os invasores, os quilombolas viveram um período de estabilidade e prosperidade. No entanto, após a expulsão dos holandeses, os senhores de engenho e as autoridades coloniais canalizaram todos os seus esforços para

aniquilar aquele espaço negro dentro do Brasil incrustado na sociedade escravocrata branca.

Apesar dos inúmeros ataques que realizaram, os escravocratas não conseguiram arrasar os quilombos, cujos os habitantes estavam bem organizados, conheciam bem a região, adotavam eficientes táticas de guerrilha e, principalmente, lutavam pela própria liberdade, redobrando esforços durante os confrontos. Segundo André Marcos de Paula e Silva as lutas entre os senhores brancos e os quilombolas se arrastaram por muitos anos, até que o governo de Pernambuco resolveu contratar o bandeirante Domingos Jorge Velho, experiente na arte da guerra no sertão. Os combates e a resistência dos quilombos se estenderam por mais de três anos. A dura rota do Quilombo dos Palmares não encerrou a história de resistência dos escravizados no Brasil.

O quilombo se desfez, mas muitos negros ainda conseguiram fugir pelo sertão e estabelecer novas comunidades em outros locais. A constituição brasileira promulgada em 1988 reconhece o direito definitivo dos remanescentes dos quilombolas às terras que ocupam, cabendo ao Estado providenciar os títulos de propriedade. O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias estabeleceu esse princípio após anos de luta em tribunais pelo País. Deve-se ressaltar que os artigos 215 e 216 fazem também menção ao direito de preservação e manifestação cultural, de natureza material ou imaterial. Cabe aqui a colocação de duas importantes questões: os descendentes dos quilombolas têm tido seus direitos respeitados? As expressões culturais dessas comunidades têm sido preservadas? A concessão do título de propriedade aos remanescentes de quilombolas esbarra na burocracia que emperra os processos de titulação de terra.

O grande problema jurídico é a comprovação das descendências. Muitos casos são analisados pela justiça, que adota em geral dois critérios: o antropológico e o cultural.

## 1.2 FORMA DE TRABALHO

As formas de trabalhos, as relações de atividades saborosas dos escravos, eram do trabalho manual, físico e que detinham muitas horas de trabalho para enriquecer senhores, patrões e fazendeiros, ou seja, era realmente um trabalho, ou melhor, atividades escravistas.

Quando voltamos ao passado e recordamos dos livros e manuais da história do Brasil, vem logo à nossa memória que uma das principais características da colonização do Brasil pelos portugueses, foi a escravidão. Esse regime de trabalho foi muito utilizado pelos povos da antiguidade, como forma de dominação sobre os povos que perdiam as guerras e também como pagamento de dívidas (SCHMIDT 2005, p.197).

Foi a partir daí que Portugal consolidou a escravidão negra no Brasil; foi o terceiro governador-geral Mem de Sá trouxe os primeiros africanos para a colônia. Os negros eram aprisionados na África e embarcados nos navios, como se fossem mercadorias. “Peças”, como eram chamados pelos colonizadores. Aos negros não se dava a menor possibilidade de escolha; se queriam ou não viajar para uma terra estranha; e com isso, suas famílias eram separadas e cada um tinha um destino diferente. Esse comércio de escravos que foi praticado durante séculos e sustentou o sistema colonial, foi chamado de tráfico negreiro.

O transporte dos negros era feito em navios negreiros ou tumbeiros, por que durante as longas viagens, muitos morriam, pelas péssimas condições que eram transportados e, assim, esses navios mais pareciam tumbas ou sepulturas que navegavam pelo oceano. Com tudo isso, alguns escravos reagiam contra tamanha violência e crueldade e fugiam em busca da liberdade, sofriam alguns deles sofriam de depressão e morriam, frequentemente, por causa dos castigos e pela própria depressão. Mas, os escravos que conseguiam escapar das fazendas ou das minas, muitas vezes, fundavam comunidades para se protegerem contra possíveis perseguições.

Eram os temíveis capitães-do-mato os homens encarregados pelos seus senhores de perseguir, capturar e aprisionar os negros fugitivos. Quando conseguiam fugir os negros organizavam-se em comunidades. Infelizmente, após muita resistência, o quilombo dos Palmares foi destruído em fins do século XVII por uma expedição comandada pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, e com isso, Zumbi seu chefe e fundador, foi capturado e executado. Os mais de 300 anos de trabalho escravos deixaram marcas profundas na sociedade brasileira, entre as quais podemos destacar as variadas formas de discriminação e marginalização dos negros. Para reverter esse quadro os movimentos negros organizados precisam conscientizar as pessoas.

Para isso, muitas vezes, é necessário questionar os símbolos consagrados, reconstruir a história e criar novos símbolos, com novos significados. No Brasil, os movimentos negros tentam reconstruir a história para mostrar que a libertação dos escravos foi resultado da luta de muitos deles (MATTOS E LÉO STAMPACCHIO 2012, P 19).

Partindo dessa colocação acreditamos que atualmente, aqui no Brasil, ainda é grande a diferença em que negros e brancos vivem. Na média, o salário dos negros e as chances de estudar são menores. Nesse sentido o que trago nesse estudo em busca de desconstrução do racismo e do preconceito que ainda são bastantes presentes em osso País, buscamos pelo reconhecimento e respeito a esses povos que tiveram e ainda tem papel fundamental na formação e desenvolvimento do nosso País.

Conforme Da Matta (2008, p.25) o Brasil, como já sabemos, o Brasil é um país de contrastes econômicos, sociais, culturais e religiosos. A formação de seu povo é também o resultado da mistura de raças (indígenas, europeias e africanas) que vem sobrevivendo e se multiplicando a cada ano. Essa miscigenação, que constituiu o povo em geral, geralmente convive com um clima tropical e com uma natureza “abundante” ao seu redor: e isso é privilégio para poucos no mundo. Mas esse “Brasil” com tantos significados, definições, misturas raciais e culturais precisa ser melhor retratado.

O que já sabemos a nosso respeito nos distingue dos animais; nós seremos humanos temos a capacidade de identificar e justificar. Mas quem somos de fato, qual a nossa identidade social é, certamente de extrema importância e faz-se necessária para um povo conhecer-se. Faz-se necessário, também descobrir como construímos nossas identidades. Quando usamos nome, sobrenome, profissão, preferências, condição social e outros, nossa identidade pode se distinguir facilmente, pois tudo isso está associado a uma série de atributos especiais, e também, por que com esses dados pessoais e através deles, forma-se a nossa história; mas o que somos de verdade; como é que somos seres humanos brasileiros?

### 1.3 A IDENTIDADE E A FORMAÇÃO DO POVO BRASILEIRO

O presente capítulo, portanto, procura apontar algumas evidências que revelam a percepção dos moradores no que se refere à questão da memória e da etnicidade da comunidade do Piratuba, bem como os discursos, sobretudo aqueles

provocados por agentes externos que operam na construção da identidade étnica local. Falar da memória etnicidade da comunidade do Piratuba é investir num diálogo com o passado para entender o presente. Trata-se de um lugar onde vive pessoas com detentoras de memórias relacionadas a um passado que, através de suas narrativas e vivencias floresce no presente.

Segundo Gomes (2008, p.114) a identidade aqui está sendo pensada como um processo, o qual pode ser entendido como indenitário, por isso, em construção e não como algo pronto, acabado. Ao discorrer sobre essa questão busco apresentar o processo pelo qual a comunidade do Piratuba foi mapeada enquanto comunidade remanescente de quilombo buscando refletir como os moradores se identificaram frente a essa nova conjuntura sócio - histórica e política.

A identidade e a formação do povo brasileiro, não são de fácil definição; pois a buscar retratá-las é uma revelação constante. E necessário observar e conviver com esse povo, de maneira a retratar pequenos gestos, palavras e hábitos que aparentemente passam despercebidos muitas vezes. É preciso estar atento as suas manifestações culturais e até dramáticas, as quais envolvem aspectos da história da formação da identidade desse povo. Pois é nesse ponto indeterminado que surge a diversidade, então, o estilo, o modo de ser de estar de cada um se revela verdadeiramente na sua diferença. Para construir nossa identidade social, ou a de uma sociedade, muitas coisas e acontecimentos de caráter afirmativo e, mesmo, negativo são feitos e avaliados diante de certas questões que impulsionam a construção da identidade enquanto processo sócio- cultural de um povo, ou de uma comunidade (DAMATTA 1984, P 13).

As pesquisas antropológicas e sociológicas são feitas de maneira a descobrir como as pessoas se posicionam e se atualizam diante do mundo. Tais estudos, permitem a descoberta do jeito e do estilo de cada sistema social levando em consideração a cultura- e as ideologias – de cada sociedade que se descreve em um estudo de caráter acadêmicos.

#### 1.4 O CHÃO É O LIMITE

A terra que antes não pertencia a ninguém, a partir de um determinado momento da evolução das sociedades humanas, passou a ser um território e, depois uma propriedade de quem dela se apossasse e conseguisse mantê-la sob domínio. Há quem tenha dito como Rousseau, que a origem das desigualdades entre os seres humanos teve início quando uma pessoa cercou um pedaço de terra e disse: “esta terra é minha e ninguém contestou”.

Desde os primeiros passos dados pela humanidade sobre a superfície deste planeta chamado Terra, a terra que lhe deu o nome sempre foi essencial para a manutenção da nossa espécie. Aliás não só da nossa, mas também de outras espécies. No entanto, esse mamífero especial, dotado de uma inteligência que o distingue de todas as outras espécies foi o responsável pela introdução de uma novidade nas relações dos seres vivos com a terra (MATTOS MARINO e STAMPACCHIO 2012, p. 95).

Se por ventura, foi assim ou não que tive início as relações de domínio e poder entre pessoas e grupos humanos variados, a partir da condição de ser ou não proprietário de um pedaço de terra, essa tem sido uma condição que sob formas variadas, acompanha a humanidade há milênio. No entanto, a noção de propriedade da terra foi ampliada e resinificada, especialmente quando se pensa na existência dos quilombos. O domínio, a posse a propriedade da terra devem ser entendidos como uma fonte geradora de riquezas e poder. É principalmente sobre isso que tentarei ao longo desta unidade. Em alguns casos mencionarei também sobre algumas formas de trabalho desenvolvidas em função de atividades de exploração de terra.

## **CAPITULO II - AS MEMÓRIAS DA ETNICIDADE NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO PIRATUBA- ABAETETUBA- PARÁ**

### **2.1 LEMBRANDO O PASSADO PRA VIVER O PRESENTE**

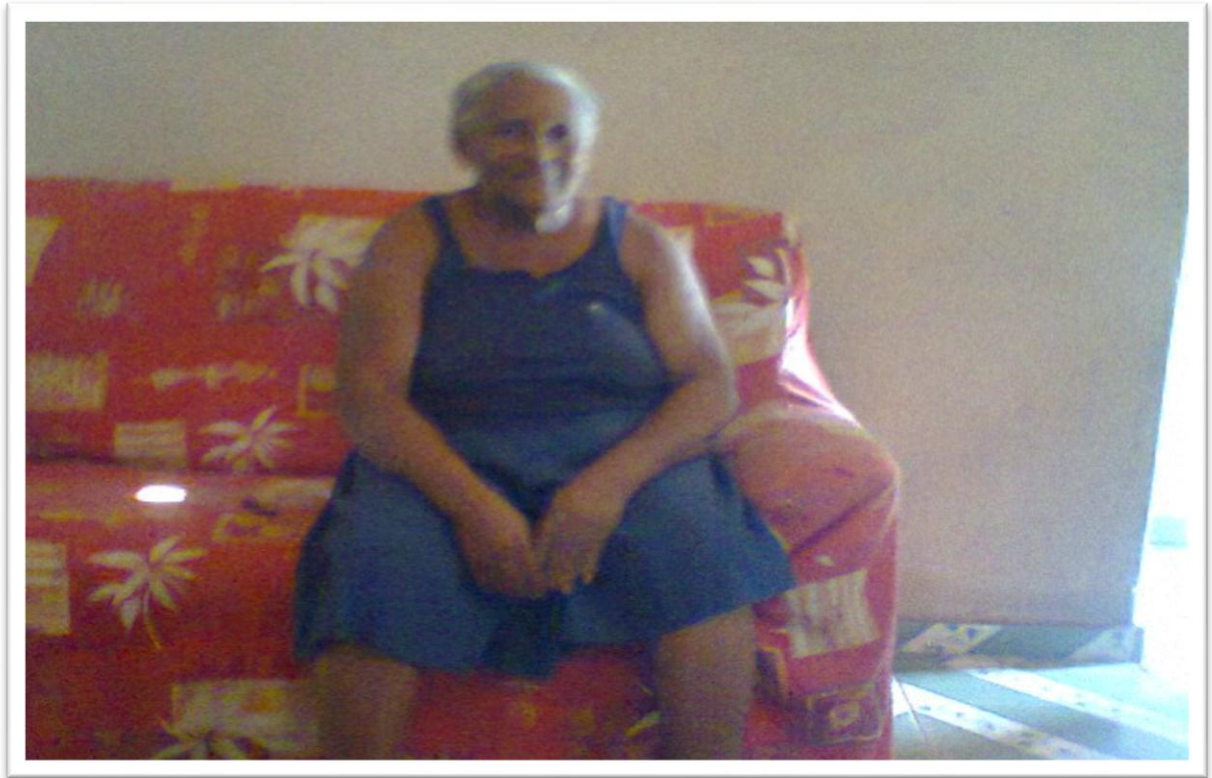
Cada época precisa ter a memória de todas as outras para durar no tempo - e, mesmo, supera -lá a fim de realizar a tarefa do presente. Na relação entre passado e presente, a memória tem o papel de nos liberar do passado como fantasma, como repetição.

A condição necessária para que haja memória é o sentimento de continuidade, presente naquele que lembra. Não há ruptura entre passado e presente, pois a memória apenas conserva do passado aquilo que ainda está vivo ou que vive na consciência do grupo. Ao não realizar a ruptura do passado com o presente, a memória torna-se campo inesgotável de lembranças (PAIM 2010, P. 88).

A memória pode reportar-se às sociedades pré-industriais, nas quais a tradição era passada de geração a geração, através daqueles que ocupavam a função de transmitir a memória do grupo. Segundo alguns estudiosos das questões da memória, o Brasil, devido a sua condição rural ou muito próxima temporalmente do modo de viver rural, ainda é um grande espaço de permanência das memórias. Em cada comunidade – até mesmo nas grandes cidades – ainda temos os contadores de causos, os grupos de danças, inúmeras formas diferentes, formas de rezar, de benzer e tantas outras atividades que ainda estão sendo passadas oralmente de uma avó para um neto por exemplo.

São os costumes e tradições que são consideradas “antigas”, do conhecimento empírico. As comunidades tradicionais resguardam muito esse tipo de conhecimento, tanto de contos, lendas, causos, quanto de remédios, ervas medicinais e do conhecimento de experiências vividas ao longo da vida e da comunidade. Esses saberes são trazidos de geração e ficam sendo como as aspecto específico de cada povoado, comunidade ou pequenas famílias.

**Fig. 01** – Dona Maria Trindade, Contadora de história



**Fonte:** Santos, 2014

“O conhecimento do passado se organiza, ordena o tempo. A memória possui um papel criativo, ao rememorar estamos criando novamente o já vivido, portanto, a memória é a função de reconstrução”.

Pessoas que são considerada muito sábias na comunidade, que contam o passado como exemplos para viver o presente com sabedorias e cuidados.

## 2.2 AS ORIGENS DA COMUNIDADE DO PIRATUBA

As origens das comunidades negras rurais, segundo Antônio Gomes Liberac Pires (2006, p.10) como elas estão relacionadas, em parte, com o fim da escravidão, quando surgiram inúmeras, delas -pequenas e médias comunidades rurais - em várias regiões. Elas se disseminaram nas últimas décadas da escravidão e avançaram após a libertação dos escravizados. A ideia deste tópico do capítulo é a de relatar como os antigos moradores do Piratuba adquiriram estas terras, e de onde eles vieram. Proponho-me a revestir as memórias da comunidade do Piratuba através dos olhares e das lembranças lançadas ao passado por seus moradores e, assim, registrar várias perspectivas sobre a comunidade sobre os acontecimentos, como uma forma de compreender a construção de sua memória coletiva. A memória

se apresenta como um elemento essencial dentro do que chamamos identidade ou identidades, seja, ela individuais ou coletivas.

Segundo as entrevistas e diálogos com alguns moradores, os mesmos dizem que as primeiras famílias a fazerem parte desse lugar foi a de um homem chamado Pedro Estulano. Tratava-se de uma família de negros que se refugiou nas matas do Piratuba: ele a esposa e vinte cinco filhos. Em determinado momento um amigo chamado Cássio veio passear no lugar em que vivia a família, quando foi convidado pelo amigo para morar no local: o amigo se interessou e aceitou o convite, mudando-se para Piratuba. Passados alguns anos e começaram vir outras famílias como a de: Raimundo Gato, Izidio, Virico, Paulo costa e Antônio Gato essas pessoas chegavam e demarcavam as terras da seguinte forma: ao se instalarem no lugar roçavam o terreno e, a partir daí a pessoa já era considerado proprietário daquele lugar. Assim se dava a demarcação das terras do Piratuba e, nessa época todos respeitavam um aos outros, pois neste tempo a palavra, tornava um documento.

Por esse ramal que se dá o acesso para a cidade de Abaetetuba e pra outros lugares do Pará. Segundo os entrevistados

**Fig. 02** – Ramal do Piratuba



Fonte: Santos, 2014.

Segundo os entrevistados: Concilio dos Santos, Francisco Ferreira, Elesbão Cardoso, Maria Laura, Maria Trindade e Maria Julia.

“A origem histórica da comunidade do Piratuba data aproximadamente é de 109 anos atrás quando os primeiros grupos chegaram a este local e começaram a povoá-lo, dando início à constituição da comunidade quilombola, que atualmente tem por nome Piratuba, aliás, nome dado pelos primeiros habitantes que foram os Tupi Guarani. A origem deste nome deriva da quantidade de peixes, caças e muitas matas, pois havia abundância no lugar. Piratuba, portanto vem de piracema e tuba significaria de muita fartura. Piratuba está localizada no município de Abaetetuba, distante aproximadamente 18 km da cidade. Para ser designada como comunidade quilombola houve uma série de estudos realizados a priori pelas pessoas mais velhas da comunidade, juntamente com o povo do Piratuba.

Dessa forma, mesmo as pessoas que apresento uma cor diferenciada, assim como as pessoas que se identificam com o grupo, serão considerada quilombolas”. Piratuba para ser designada como comunidade quilombola a mesma foi fonte de alguns estudos realizado a priori pelo padre Sérgio, antropólogo pertencente a diocese de Mato Grosso do Sul e membro da comissão pastoral da terra. Este estudo teve um papel fundamental para a chamada identificação quilombola, no que traduz não apenas restrição da cor, mas sim, a questão do sangue. Haja vista que a miscigenação foi um fator preponderante para o chamado branqueamento dentro da comunidade. Dessa forma pessoas que apresentam uma cor diferenciada e as pessoas que se identificam com o grupo serão consideradas quilombola.

### 2.3 O COTIDIANO NA COMUNIDADE DO PIRATUBA

As atividades de lazer presente na comunidade do Piratuba se dão da seguinte maneira: homens, as mulheres e as crianças se reúnem no campo e jogam futebol. Há inclusive, campeonato de futebol entre o time local com times de outros lugares. Além do jogo de futebol as famílias participam das atividades de cunho religioso nas igrejas, católicos e Evangélicos se reúnem aos domingos para cultuarem à Deus. As crianças não se divertem somente no campo de futebol mas também tomando banho de igarapés, subindo nas fruteiras e pescando. O adultos também aos domingos se reúnem em bares dentro da comunidade e conversam sobre seus trabalhos, confraternizam-se e, as vezes, conversam sobre as condições

social da comunidade, das terras e atualmente falam sobre o avanço dos projetos de dendê que está tomando conta de muitas terras.

Atualmente empresas responsáveis por plantar dendê, estão comprando terras de muitos moradores e descaracterizando a paisagem, criando grandes campos de plantio e isso vem preocupando os moradores de várias comunidades rurais e, principalmente, as tradicionais como as quilombolas.

**Fig. 03** - Campo de futebol



**Fonte:** Santos, 2014.

Imagem característica dos momentos de lazer da comunidade, pois, são nesses espaços que a comunidade, jovens e mulheres se divertem de forma coletiva e saudável.

Outro importantes espaço de laser da comunidade, e que especifica a origem dos moradores, natureza: campo, rios, etc. A maioria das comunidades rurais tem esses espaços como áreas de lazer e, também, de organizar algumas atividades, como a agricultura que necessita de água para as plantações, então, ter um igarapé por perto ou na comunidade é importante.

**Fig 04** - Igarapé



Fonte: Santos, 2014

## 2.4 AGRICULTURA

Conforme Rui Sérgio Sereni Murrieta:

“Acredita-se que o papel da mandioca e derivados, principalmente a farinha, na dieta local vai mais além do que o alimento de emergência ou a fonte segura de calorías”.

Na agricultura de subsistência destaca-se a produção de arroz, feijão, milho e mandioca que são base da alimentação do povo brasileiro. Nesse tipo de agricultura a mão-de-obra é familiar, as propriedades são pequenas e as técnicas são rudimentares, muitas vezes causando dano ao meio ambiente (como no caso das queimadas). Mas existe outras formas de minimizar a degradação ambiental causada pela agricultura.

A agricultura é amplamente praticada no Piratuba, são famílias que produzem para o consumo próprio, ou seja, plantam diversas culturas entre elas, destaca o cultivo do milho e da mandioca, principalmente pra alimentar a própria

família. Quando a produção é maior do que precisam para sobreviver, os moradores vendem o que sobra a fim de garantirem um ganho.

Os trabalhos das roças são feitas de acordo com o número de pessoas dentro do núcleo familiar, cada família tem sua própria roça. Hoje no Piratuba, existem dois tipos de roças: a de touco e a de arado, a de touco ela é roçada, derrubada, queimada e só depois ela é plantada, é um tipo de trabalho que é feita de maneira manual. E a do arado ela é feita de maneira motorizada a terra é afogada e fica no ponto do plantio, e sem poluir o meio ambiente com a queima. Antigamente Piratuba tinha uma quantidade de peixes muito grande como, por exemplo, jeju, traíra, etc.

A quantidade de caça era de muita fartura tinha tatu, paca, veado, cutia e desses animais as pessoas se alimentavam. Infelizmente hoje não existe mais essa quantidade de caça e pesca as pessoas de antigamente não se preocuparam em preservação. As matas ainda existe poucas reservas com madeiras de leis Angelim, acapu etc.

### III – CAPÍTULO - ORGANIZAÇÃO FAMILIAR E PARENTESCO DA COMUNIDADE DO PIRATUBA

#### 3.1 FAMÍLIA

Na análise de Ana Elizabeth Costa 2008 procurei identificar preliminarmente as formações das famílias, sendo realizadas entrevistas com moradores para obtenção de informações sobre a estrutura familiar. A família enquanto organização social é composta em sua maioria por uma família estendida pai, mãe, filhos, tios, primos e avós. Dentro do núcleo familiar a mulher desempenha um importante papel, algumas delas são inclusive chefes de família. Além de cuidar dos filhos, cozinhar, lavar as roupas, exercem a atividades produtivas da agricultura da mandioca.

**Fig. 05** - Família



Fonte: Santos, 2014.

Lévi-Strauss há muito observou em que a família, enquanto grupo social possui três características a saber:

1 - Tem sua origem no casamento;

2 - É constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos proveniente de sua união, embora seja lícita conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo;

3 - Os membros da família estão unidos entre si por:

A - Laços legais

B - Direitos e obrigações econômicas, religiosa ou de outra espécie

C - Um conjunto bem definido de direito e produção sexuais e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos tais como o amor, o afeto, respeito, reverência etc. Essas características apresentada por Lévi-Strauss ajudam na composição dessa categoria analítica, entretanto torna-se oportuno observar que hoje a conceituação de família passa necessariamente por mudanças no que tange à própria formação.

Na comunidade do Piratuba a relação de parentesco são por consanguinidade ou advindas do casamento e ligam entre si, as famílias residente o local que guardam na memória lembrança de seu antepassado que além de uni-los, expressa um sentimento de pertencimento e parentesco. Dois fatores são responsável pela estrutura familiar em Piratuba; de um lado está o próprio ciclo de desenvolvimento das unidades domésticas que pressupõem uma continuidade da linguagem, pois a maioria das relações maritais ocorre entre os membros da própria comunidade e por outro lado, existe pequena variação a partir de união com “os de fora”.

Além das identidades fundadas em noções de origem e semelhanças culturais, a escolha de parceiros sexuais e a constituição de famílias estáveis era uma forma pelo qual a comunidade negra ia se estruturando. Mas também na escolha de parceiros, as nações de origem era uma variável importante. No geral dava a preferência a companheiros da mesma região culturalmente parecidos. Assim era mais comum as pessoas casarem entre si. Dona Justina falava que o avô dela dizia Preto que namora branco, merece um bacalhau, por que não namora o preto que é cunha do mesmo pau. Dona Maria Trindade a entrevistada de 83 anos falava que eles tinham muita raiva de brancos, falavam que branco era vadio, preguiçoso e não dava conta de sustentar uma família e também falavam pras moças que tinham que pisar no galho do pau que aguentasse, que era pra elas procurar uma pessoa, ou seja, um negro que desse conta de sustentar, por que o

casamento poderia ser do jeito que fosse não poderia separar de jeito nenhum. Dessa forma as famílias iam se estruturando e a comunidade ia crescendo.

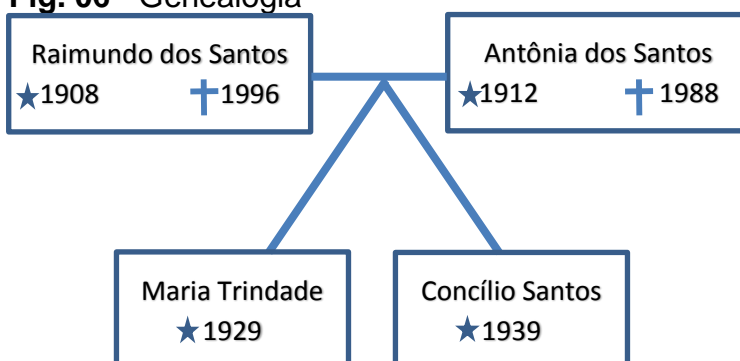
### 3.2 PARENTESCO

As pesquisas empírica revelam que de fato o modelo de família existente em Piratuba possui alguma peculiaridade. Com base nos dados empíricos foi possível montar a genealogia dos familiares predominante da comunidade quilombola de Piratuba. Como não foi encontrado nenhum dado documental além dos fatores orais relacionado a ascendências de pessoas antigas da comunidade. Surge á continuidade da parentela no tempo, e também que as relações conjugais acontecem, em sua maioria, dentro da comunidade, que explica em tese a continuidade da comunidade enquanto grupo étnico.

O uso da memória foi imprescindível para a compreensão da formação da comunidade de Piratuba. Como nos diz Halb Wachs [...] a memória apoia-se sobre o “ passado o passado vivido ” a qual permite a constituição de uma narrativa sobre do sujeito de forma viva e natural, mas do que sobre o “passado apreendido pela história escrita”. Assim através do uso da memória e a partir dos relatos orais acerca da sua ancestralidade foi possível a construção da genealogia de cada família com vistas a perceber a descendência e o grau de parentesco dos moradores de Piratuba. E importante chamar atenção que não se trata de uma genealogia exaustiva, que o objetivo inicial não foi proceder a um estudo de parentesco, mas coletar informações sobre a formação da comunidade, bem como compreender a configuração da ocupação territorial atual.

### 3.3 - FORMAÇÃO DA FAMÍLIA DO PIRATUBA

**Fig. 06** - Genealogia



Fonte: Santos, 2014.

A pesquisa de campo foi realizada nos meses de outubro e novembro de 2013, inicialmente foi um estudo exploratório, buscando entender a lógica da subsistência das famílias e suas expectativas para o futuro. Logo se desenhou um instrumento de coletas de dados, contendo informações sobre condições de vida na origem e situação atual e pra conhecer um pouco mais a história das famílias e entender melhor como elas foram formadas. Depois de identificadas, como o povo dessa comunidade viviam. Os resultados foram tabulados e alguns cruzamentos de informações se fizeram necessários para o aprofundamento da análise.

Teoricamente, o mundo da casa é o mundo da rua, o trabalho, o movimento, a surpresa, a tentação dividem a sociedade. A rua, sabemos que, serve também para momentos de lazer, mas a rua é um lugar do movimento e contrasta com a calma e a tranquilidade da casa, o lar e da morada das pessoas (DA MATTA 1936, P. 23).

E fato que, em casa ou na casa fazemos partes de uma família e de um grupo fechado com fronteiras e limites bem- definidos. Esse núcleo é constituído por pessoas que possuem a mesma substancia a mesma carne, o mesmo sangue, e conseqüentemente, as mesmas tendências. Tal substância física se projeta a outras coisas comuns.

As chamadas “tradições familiares” com objetos relações e valores e que todos os grupos resguardam e preservam e todos esses símbolos que resguardam uma residência, dando-lhe estilo e certa maneira de ser e estar, chama-se tradição; mais tais valores podem também ser chamados de “honra” e “vergonha”, pois as famílias bem - definidas e com alto sentido de casa e de grupo são coletividades que atuam bem definidas e organizadas. As famílias brasileiras que viveram até cerca de 70 anos atrás costumava ser formadas por um grande número de pessoas.

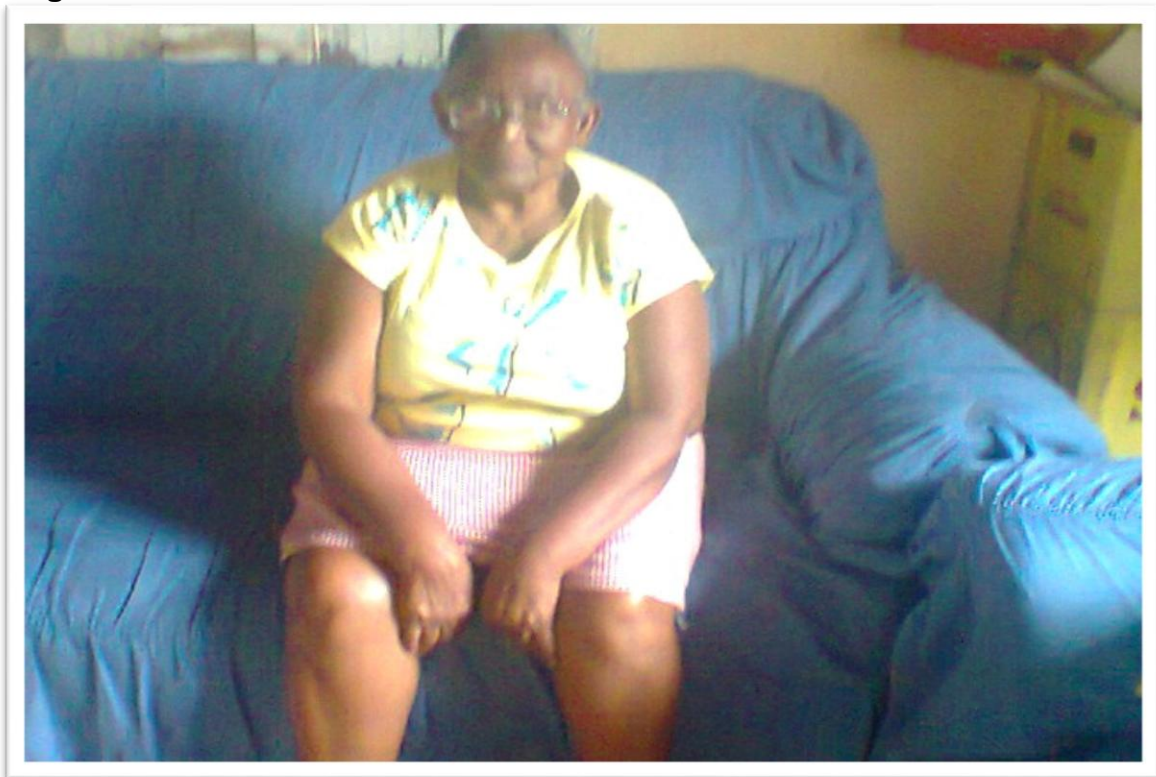
Naquela época, a maioria das mulheres das famílias de maior posses era educada, desde pequena, para cuidar da casa, e dos filhos. Elas aprendiam principalmente atividade relacionada ao lar, como cozinhar, costurar, bordar, fazer crochê. Trabalhar fora da casa para o sustento da família costumava ser uma responsabilidade dos homens. No entanto, nas famílias de menos posses, era comuns as mulheres trabalharem fora de casa para ajudar no sustento da família. Devido as diversas mudanças ocorridas na sociedade brasileira, principalmente nos últimos 60 anos, cada vez mais as mulheres passaram a trabalhar fora de casa e a

contribuir financeiramente para o sustento da família. Essa situação foi um dos fatores que provocou a redução no número de filhos das famílias brasileiras.

### 3.4 SABERES TRADICIONAIS POPULARES

Segundo Barbara Oliveira no texto educação quilombola (2012, p.15) às comunidades quilombolas encontram explicações e soluções para os distúrbios de saúde do dia- a- dia e para os elaborados processos do ato de dar continuidade à vida. O nascer, para muitos quilombolas, é um evento familiar e coletivo, a partir do momento em que se deslocaram e resistiram ao sistema escravista e, posteriormente, a sociedade nacional que não os incorporou de forma efetiva.

**Fig.07** – Remedieira.



**Fonte:** Santos, 2014

Os saberes tradicionais e os costumes, passado e perpetuado através das gerações, historicamente estruturaram o ciclo de vida das comunidades quilombolas e norteiam, atualmente, a estrutura social. Hoje em dia, em grande parte das comunidades quilombolas do Pará. Há pessoas que tradicionalmente dominam o conhecimento acerca de rezas curadoras e de ervas e remédios concebidos de

forma tradicional e pessoas que detêm enorme saber sobre o processo reprodutivo e o parto. Mas conhecido como parteiras, curandeiras (os), benzedoras(os), essas são pessoas muito presentes na estrutura social dessas comunidades.

Os quilombolas depositam a esperança da solução de diversas enfermidades, além de auxílio no processo de procriação, nessas pessoas. Esse trabalho, em especial o das “curandeiras” e das parteiras, remete-se às mulheres. Elas representam a continuidade dos ensinamentos de suas ancestrais. As mulheres que atuam nos cuidados e nos atendimentos às grávidas parturientes, mães e crianças (e realizam contatos mais permanente e intensos com as famílias) são a partir dessas relações sociais, legitimadas como liderança e referência em muitas comunidades quilombolas. Piratuba é uma comunidade quilombola que também exerce essas funções como benzedoras, parteira, curandeiro. Essas pessoas são detentoras do conhecimento e estão ligadas diretamente às famílias de Piratuba em auxílio - lós.

A resistência, que marca tão profundamente as comunidades quilombolas, se expressa nas práticas autônomas de saúde. Clóvis Moura (1981, p. 22) ressalta que o quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência dos negros escravizados. O vínculo das comunidades quilombolas com sua historicidade, baseada em sua resistência e luta, é um aspecto fundante do universo simbólico e da consciência coletiva dessas comunidades. As práticas e saberes relacionados à saúde têm íntima relação com esse processo. O trabalho dessas pessoas que são referência na comunidade de Piratuba o universo cultural que permeia a comunidade em que elas atuam. Na pesquisa realizada foi possível observar a importância da ancestralidade nesse trabalho. Um dos aspectos importantes desse trabalho conjunto é a transmissão de conhecimento e aspecto pedagógico dessa situação. A tradição oral envolve, há gerações, o conhecimento sobre as plantas, garrafadas, benzimentos.

### 3.5 RELIGIOSIDADE E CULTURA

Para o sociólogo Emile Durkheim (1858-1917, p 33), a sociedade sempre prevalece sobre o indivíduo dispondo de certas regras, normas, costumes, e leis que asseguram sua perpetuação.

Para Bianca Amaral Cultura é tudo o que as pessoas fazem e que marca sua vida, seu modo de organizar o dia–dia, de expressar suas ideias, suas emoções, suas religiões, suas origens. Cada povo tem sua cultura. Por varias razões, os povos se encontram, se misturam e culturas são modificadas e surgem novas. Nessa mistura, nenhuma cultura e nenhum povo é mais importante que o outro, mais sabido que o outro. Cada um tem seu conhecimento. Cultura é o que se come e como se come, é a dança e como se dança, e o que se fala e o que se escuta, é o que se escreve, é o que nos diverte e nos entristece.

### 3.5.1 O boi - bumbá

O folguedo do boi é uma dança de caráter dramático e festivo. O folguedo mais popular do Pará é o Boi Bumbá festejado em quase todo Estado e também em outros lugares do Brasil, o folguedo do boi tem variações regionais, mais a historia é muito semelhante em todos os lugares.

Atualmente a comunidade do Piratuba ainda mantém viva suas tradições, que conta com a participação dos jovens da comunidade.

**Fig. 08** - Apresentação do boi pra comunidade



Fonte: Santos, 2014.

Dentro da comunidade existe quadrilha com sua própria música e suas danças típicas da região, chamadas de quadrilhas tradicionais ou roceiras.

### **Música 1**

*Menina quilombola  
Do cabelo cacheado  
Quero ser o seu amante  
Quero ser seu namorado  
E não importa o que você  
Vem me dizer  
Sei que nesse São João  
Eu quero dançar com você (bis)  
Vem meu amor comigo vem dançar  
Quero ver essa galera  
Agora com nos dois pular  
Essa quadrilha  
Já é uma tradição  
Quadrilha Arquituba mora no meu coração(Bis)  
O meu ramal passa  
Em minha avenida  
Terra do meu coração  
Mexe com minha emoção(Bis)*

### **Música 2**

*Meu amor não faz assim  
Quero ter você pra mim  
Nesta noite de São João  
Ao seu lado eu quero está  
Sua boca vou beijar  
Menino quilombola*

*O seu olhar transmite muita emoção  
.vou entregar pra você meu coração  
Descobrir que a seu lado  
Eu posso ser feliz amor*

*Nessa noite linda  
Me convidou para dançar  
Desse jeito é muito bom  
Menino quilombola*

*Agita Abaetetuba  
Vamos dançar forró  
Com arquituba  
Essa quadrilha veio pra ficar  
E do Piratuba  
Pra todo o Pará*

### **Música 3**

*Deus me fez negro assim  
Com orgulho sou feliz  
E minha história mística  
Dentro do meu coração  
Sou negro sou história*

*O homem branco quando aqui chegou*

*Nossa riqueza logo explorou  
Índio valente e guerreiro  
Não deixou escravizar  
Com muita força conseguiu lutar  
Com própria raça conseguiu trabalhar  
No Piratuba encontrei a construção do meu País*

*Quadrilha arquituba  
Viva a nossa mistura  
Vem dançar São João  
E no Piratuba que as raças se encontram  
Arquituba é tradição (Bis)  
(Autores: Reginaldo Cardoso dos Santos e Reinaldo Cunha dos Santos)*

### 3.5.2 Carnaval na comunidade

O carnaval na comunidade teve início em 2009 incentivado por alguns moradores que permanece até hoje. Começou com o bloco do pinico e surgiram outros, mas sempre com esse ritmo alegre e envolvendo a comunidade local.

**Fig. 09** - Carnaval do Piratuba



**Fonte:** Santos, 2013.

A comunidade do Piratuba que se encontra reconhecida e certificada pela Fundação Palmares como remanescente de quilombo possui culturas que se expressa nas falas, na vida cotidiana, nas devoções principalmente durante a festa de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro padroeira da comunidade. Essa festa

consiste em dois momentos de maior expressão da religiosidade em Piratuba. O depoimento da coordenadora Maria auxiliadora dos Santos Souza aponta que a festa de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro é um dos momentos de maior importância da religiosidade presente na comunidade. Para a comunidade do Piratuba a festa é da Padroeira tem uma grande importância, é nela que o povo das comunidades se reúne e confraternizam.

Segundo a coordenadora a festa é realizada na última semana do mês de agosto e reúnem moradores, visitantes vindo de outras comunidades (Santa Cruz, Murutinga, Bosque, Colônia Velha, Colônia Nova e da sede (Abaetetuba). Muitos dos visitantes são filhos, netos, parentes ou amigos dos moradores do Piratuba que retornam para ver as famílias e se divertirem. Para realização da festa de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro a coordenação da comunidade que é encarregada dos festejos.

A religião antigamente se dava da seguinte forma; tinha pessoas que tinha seu santo o dono do santo festejava e fazia aquela festa de 15 noites. O dono do santo convidava os amigos e cada noite era patrocinada por uma família. Na hora da reza dentro do barraco todos se reuniam e tinha o orador que era um homem que de costa para o povo iniciava a reza. E dizendo os entrevistado que era em latim. Quando terminava a reza o povo iam se divertir Com uma viola e um tambor eles tocavam a noite inteira e o povo dançavam.

### 3.6 ANÁLISES DOS RELATOS DE MORADORES NA COMUNIDADE

Relato do senhor Francisco Ferreira, 61 anos que diz:

“Que o trabalho era na lavoura de mandioca, milho, arroz, feijão e outras verduras que eles plantavam na roça. Quando chegava a época do plantio, o dono da roça convidava os amigos que eram uma faixa de 20 homens e iam plantar aquela roça, eles chamavam de “putirom” (mutirão). O dono da roça convidava também as mulheres dos amigos para cozinhar. Elas cozinhavam feijoada, com jerimum, maxixe, quiabo, caruru, que eles mesmo plantavam e criavam, isso leva creca de três dias, durante o trabalho eles levavam pra roça cachaça Abaeté, enquanto estavam trabalhando eles iam tomando aquela cachaça. Tudo era inventado ali e assim eles iam trabalhando até terminar o serviço. Quando terminava a planta daquela roça, eles se reuniam e na volta pra suas casas eles vinham homenageando o dono da roça, cantando fofioia. A fofioia se dava em versos e prosa.

Ou seja, mesmo que as famílias moram em suas respectivas casas separadas, mas, o trabalho entre elas é coletivo e que rende divisão do que se planta, cole e vende. Isso é muito comum entre comunidades rurais e quilombolas, o trabalho coletivo. A terra é separada e preparada para a plantação, as famílias trabalham, aprontam o espaço da lavoura e agricultura e plantam e colhem juntas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao eleger a comunidade do Piratuba em Abaetetuba, como objeto dessa pesquisa, já reconhecida e certificada como comunidade remanescente de quilombo, procurei apresentar de modo introdutório as origens históricas das comunidades quilombolas e do Piratuba a questão às origens; a questão da identidade como ela está sendo pensada e o processo que pode ser entendida como indenitária.

Abordei a história dos negros no Brasil que foi uma história desumana e a chegada deles até aqui no Brasil e como foi o trabalho deles e como eles resistiram a escravidão, como exemplo tiveram o maior símbolo de resistência escravista que foi o Quilombo de Palmares. Em 1988 com a lei que foi promulgada vem o reconhecimento dos direitos definitivos dos remanescentes de quilombos. a identidade e a formação do povo brasileiro não é de fácil definição buscar retratar essa formação é uma revelação constante; observando e convivendo com esse povo de maneira a retratar pequenos gestos, palavras, hábitos aparentemente que passa despercebidas e até inocentes muitas vezes, suas manifestações culturais (como carnaval); as comemorações da semana da Pátria; os Cultos religiosos, (com as procissões) e outras diversas manifestações de comportamentos consideradas tradicionais, culturais e até dramáticas e que envolvem toda a história da formação da identidade desse povo

Não há ruptura entre passado e presente, pois, a memória apenas conserva do passado aquilo que ainda está vivo e que vive na consciência do grupo. Ao não realizar a ruptura do passado com o presente, a memória torna-se campo inesgotável de lembranças. Cada época precisa ter a memória de todas as outras para superá-las e realizar a tarefa do presente. Abordei como o povo do Piratuba adquiriram as terras e de onde vieram para a formação da comunidade e a organização das famílias e parentesco da comunidade. Ou seja, a pesquisa é de suma importância tanto pelo reconhecimento histórico dessa comunidade, e também pelo resgate e as análise das condições sócio-política e cultural que essa comunidade se organiza e manifesta suas posições, tradições e vivência e a contribuição das experiências e os saberes que os moradores mais antigo da mesma, podem passar para que a comunidade ainda tenha suas tradições resguardadas e respeitadas por todos nós.

## REFERÊNCIAS

**BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E PARA O ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, DF, 2004.

CAVALCANTE, Ygor Yuri de Luna; Rodrigues, Maria de Fátima Ferreira. **A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO QUILOMBOLA NA CONSTRUÇÃO ÉTNICO E TERRITORIAL DA COMUNIDADE NEGRA PARATIBE.** XI Jornada do trabalho - CEGET (Centro de Estudos da Geografia do Trabalho) UFPB – 2010.

DAMATTA, Roberto. **O QUE FAZ O BRASIL, BRASIL?** Ed.Rocco, Rio de Janeiro:1986.

GARCIA, Hagrayzs Rosa; Tavares, Danieli. **EDUCAÇÃO QUILOMBOLA: CASO DE FURNAS DE BOA SORTE.** FAED / UFGD. 2008.

GOMES, Ana Elizabeth Costa. **A BAÍA DE CAMAMU E A DIÁPORA AFRICANA: VIVÊNCIAS, MEMÓRIAS E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE ÉTNICA EM PORTO DO CAMPO.** Dissertação de mestrado, UFBA – 2008.

GOMES, Flávio; Pires, Antônio Liberac.C.S. **ORIGENS DA RAÇA NEGRA.** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2006.

JÚNIOR, Décio Gatti. Et al. **COLEÇÃO EXPLORANDO O ENSINO – HISTÓRIA (ENSINO FUNDAMENTAL).** Secretaria de Educação Básica, v.21, Brasília: 2010.

MACHADO, Vanda. **TRADIÇÃO ORAL E VIDA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA.** Literatura afro-brasileira.

MARINO, Denise Mattos; Stampacchio, Léo. **HISTÓRIA - COLEÇÃO LINK (8ª ano).** 4ª ed. São Paulo: IBEP, 2012.

MOURA, Gloria. **SALTO PARA O FUTURO - EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**. Boletim 10. Secretaria de Educação a Distância, 2007.

MURRIETA, Rui Sérgio Sereni. **DIALÉTICA DO SABOR: ALIMENTAÇÃO, ECOLOGIA E VIDA COTIDIANA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA ILHA DE ITUQUI, BAIXO AMAZONAS, PARÁ**. Revista de antropologia, v.44, n.2 – USP, 2001.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. Et al. **ORIENTAÇÕES E AÇÕES PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Brasília, 2010.

SILVA, André Marcos de Paula e. **HISTORIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRAS**. Ed. Expoente, Curitiba: 2008.

SILVA, Assunção de Maria Souza. **LEGADOS AFRICANOS NA POESIA DE AUTORES AFRO-BRASILEIROS**. Nepa (Núcleo de Estudos e Pesquisas Afro) Revista África e Africanidades, ano I - n.4, UEPI, 2009.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **APRENDIZAGEM E ENSINO DAS AFRICANIDADES BRASILEIRAS**. Núcleo de Estudos afro-brasileiros – UFSC, 2010.

TOMAZI, Nelson Dacio. **SOCIOLOGIA PARA O ENSINO MÉDIO**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

## **APÊNDICE**

**Apêndice A – Questionário.**

- 1- Quais foram os primeiros habitantes do Piratuba?
- 2- Qual a origem do nome Piratuba?
- 3- Como foram adquiridas as terras: ocupação ou comprada?
- 4- De onde vieram essas famílias?
- 5- De que essas famílias se alimentavam? Do que eles viviam?
- 6- Quanto ao trabalho como as pessoas se dividiam?
- 7- Comente sobre as religiões: Que religião prevalecia?
- 8- Você sempre se declarou como remanescente de quilombolas?
- 9- Depois que a comunidade foi reconhecida e certificada, o que mudou na vida dos senhor(a) ?
- 10- Como era viver na região antigamente e o que mudou hoje?